

EVE & ADAM



M I C H A E L G R A N T
K A T H E R I N E A P P L E G A T E

Tradução
Carolina Caires Coelho





Estou pensando em uma maçã quando o carro me atinge e minha perna fica toda ferida e minhas costelas se quebram e meu braço não é mais braço, mas algo irreconhecível, molhado e vermelho.

Uma maçã. Estava na barraca de frutas da feira perto de Powell. Eu a notei porque estava tão estranhamente deslocada, uma McIntosh vermelha e vibrante em meio a um monte de Granny Smiths verdes, comuns.

Ao morrer — e eu percebo isso quando voo pelo ar como um pássaro ferido —, você deveria estar pensando no amor. Se não no amor, pelo menos você deveria estar repassando seus pecados ou tentando entender por que não atravessou na faixa de pedestre.

Mas não deveria estar pensando em uma maçã.

Escuto o barulho dos freios guinchando e os berros assustados antes de eu cair na calçada. Ouço meus ossos se partirem, se quebrarem. Não é um som agradável, mais delicado do que teria pensado. Faz com que eu me lembre dos sinos de vento de nosso quintal.

Várias pernas param ao meu redor. Entre as canelas finas de um mensageiro de bicicleta, consigo ver o 30% DE DESCONTO, SÓ HOJE do cartaz na loja Lady Foot Locker.

Eu deveria estar pensando no amor agora — não em maçãs, e muito menos em um par de tênis Nike novo — e, então, paro de pensar totalmente porque estou ocupada demais gritando.



Abro os olhos e a luz me cega. Sei que devo estar morta porque nos filmes sempre tem um túnel de luz forte antes de alguém morrer.

— Evening? Fique conosco, garota. Evening? Nome legal. Olhe para mim, Evening. Você está no hospital. Quem devemos chamar?

A dor toma conta de mim, e percebo que não estou morta afinal, apesar de desejar que estivesse, porque talvez, assim, eu pudesse respirar em vez de gritar.

— Evening? Você atende por Eve ou Evening?

Algo branco com manchas vermelhas me sobrevoa como uma nuvem ao pôr do sol. Ele me cutuca, aperta e murmura. Mais um, depois outro. São sérias, mas determinadas, essas nuvens brancas. Elas falam com poucas palavras. Pedacos, como eu estou em pedacos. *Vitais. Preparação. Avisar. Permissão. Grave.*

— Evening? A quem devemos avisar?

— Veja o telefone dela. Quem está com o maldito telefone dela?

— Não encontraram, só a identidade escolar.

— Qual é o nome da sua mãe, querida? Ou do seu pai?

— Meu pai morreu — digo, mas sai em gemidos agudos, uma canção que eu não sabia que conseguia cantar. Chega a ser engraçado, realmente, porque não sei cantar nada. Tirei C+ na prova do coral para iniciantes (e é uma nota bem ruim), mas aqui estou, cantando pra valer.

Seria ótimo estar morta agora. Meu pai e eu, só nós, não isto.

A sala de cirurgia 2 está pronta. Não temos tempo. Agora, agora, agora.

EVE & ADAM

Estou presa como uma cobaia de laboratório, mas ainda assim estou me movendo, passando pelas nuvens vermelhas e brancas. Não sabia que conseguia voar. Tantas coisas descobri esta tarde que não sabia de manhã.

— Evening? Eve? Diga um nome, querida.

Tento voltar à manhã, antes de saber que as nuvens podiam falar, antes de saber que um desconhecido podia pegar sua perna decepada.

O que eu faço com isto?, ele havia perguntado.

— Minha mãe é Terra Spiker — canto.

As nuvens ficam em silêncio por um momento, e então eu voou da sala de luz clara.



Acordo e escuto uma discussão. O homem está fervilhando. A mulher está explodindo.

Eles estão fora de meu campo de visão, atrás de uma cortina verde e feia. Tento fazer o que sempre faço quando meus pais brigam, que é colocar os fones de ouvido e aumentar o volume para não ouvir nada, mas algo está errado. Meu braço direito não está me obedecendo, e, quando toco minha orelha com a mão esquerda, descubro uma faixa de gaze grossa na cabeça. Apareceram tubos compridos em meus braços e nariz.

— Ela é minha filha — a mulher diz —, e, se estou dizendo que ela vai embora, é porque ela vai embora.

— Por favor, preste atenção. Ela será sua filha de uma perna só se a senhora tirá-la daqui.

O homem está implorando e eu percebo que não é meu pai porque ele nunca implorava por nada — costumava fazer birra, na verdade; e também porque está morto.

— Tenho instalações superiores, os melhores funcionários da área médica. — A mulher finaliza esse comentário suspirando alto. Esse suspiro é a marca registrada da minha mãe.

— Ela está em estado grave na UTI depois de uma cirurgia de quatorze horas. Há uma grande chance de ela perder aquela perna, e a senhora quer tirá-la daqui? Porque é mais conveniente? Seus lençóis têm mais fios? Por quê, exatamente?

Eu me sinto bem, tranquila e desconectada, mas esse homem, que concluo que deve ser um médico, parece bem assustado em relação a minha perna, que, por acaso, não está melhor do que meu braço.

Eu provavelmente deveria acalmá-lo, tirar minha mãe desse caso — quando ela está assim, a melhor coisa é se afastar e reestruturar —, mas o tubo que enfiaram na minha garganta me impossibilita.

— Não vou liberar essa paciente em nenhuma circunstância — o médico diz.

Silêncio. Minha mãe é a rainha das pausas dramáticas.

— O senhor sabe — ela pergunta, finalmente — qual é o nome da nova ala do hospital, doutor?

Mais silêncio. As contrações não param em meu corpo.

— Pavilhão da Neurogenética Spiker — o médico diz, por fim, e, de repente, parece derrotado, ou talvez esteja perdendo nos argumentos.

— Há uma ambulância esperando do lado de fora — minha mãe diz. *Xeque-mate*. — Acredito que o senhor vá liberar a papelada.

— Se ela morrer, a responsabilidade é sua.

As palavras que ele diz devem me incomodar, porque as máquinas começam a apitar como um alarme de carro.

— Evening? — Minha mãe corre para o meu lado. Brincos Tiffany, perfume Bvlgari, terninho Chanel. Mamãe, edição sexta casual.

— Querida, vai ficar tudo bem — ela diz —, tudo está sob controle.

Sua voz trêmula a trai. Minha mãe não hesita. Tento mexer minha cabeça um milímetro e percebo que talvez não esteja me

sentindo tão bem, afinal. Além disso, o alarme não para. O médico está falando algo sobre minha perna, ou sobre o que restou dela, e minha mãe está com a cabeça afundada em meu travesseiro, com as suas unhas afundadas em meu ombro. Pode estar chorando.

Tenho certeza de que todos estamos perdendo o controle, e então, no meu outro ombro, sinto uma pressão firme.

É uma mão.

Sigo o caminho da mão ao braço, ao pescoço e à cabeça, mexendo apenas meus olhos, desta vez.

A mão é a de um rapaz.

— Dra. Spiker — ele diz —, vou levá-la para a ambulância.

Minha mãe funga em minha camisola. Ela se levanta e ergue os ombros. Está no controle de novo.

— O que diabos está fazendo aqui, Solo? — ela pergunta.

— A senhora deixou seu telefone e sua maleta quando recebeu o telefonema sobre o... — ele vira o rosto na minha direção — o acidente. Eu a segui em uma das limusines Spiker.

Não reconheço esse cara nem seu nome — porque, sério, quem se chama Solo? —, mas ele deve trabalhar para a minha mãe.

Ele olha para mim, além dos tubos e do pânico. Tem a aparência um pouco desleixada, com cabelos demais, barbeador de menos. É alto e tem ombros largos, tem boa forma física e é meio loiro. Olhos extremamente azuis. Minha classificação preliminar: skatista ou surfista, um desses dois.

Gostaria que ele tirasse a mão de mim, porque ele não me conhece e eu já estou tendo problemas com espaço, ainda mais com os tubos e o soro.

— Calma, Eve — ele diz para mim, o que acho irritante. A primeira frase que vem a minha mente tem um palavrão no meio.

Não estou a fim de fazer novas amizades.

Estou a fim de tomar uns analgésicos.

Além disso, minha mãe me chama de Evening e meus amigos me chamam de E.V. Mas ninguém me chama de Eve. Então, pronto.

— Por favor, reconsidere, Dra. Spiker... — o médico diz.

— Vamos logo com isso — diz o cara chamado Solo. Ele tem a minha idade, aproximadamente, talvez esteja no segundo ano do ensino médio, talvez no último. Se ele realmente trabalha para a minha mãe, deve ser estagiário ou um prodígio. — A senhora vai na ambulância, Dra. Spiker?

— Não. Só Deus sabe que microrganismos estão naquilo. Meu motorista está esperando — minha mãe diz. — Preciso dar alguns telefonemas e duvido que a parte de trás da ambulância seja o lugar certo. Encontro você no laboratório.

O médico suspira. Ele aperta um botão e os aparelhos param. Minha mãe beija minha têmpora.

— Vou montar tudo. Não se preocupe com nada.

Pisco para mostrar que, realmente, não estou preocupada com nada. Nem com a morfina, que está perdendo o efeito.

Solo entrega a minha mãe a maleta e o telefone. Ela desaparece, mas consigo ouvir o bater de seus saltos Jimmy Choo.

— Megera — o médico diz quando ela se afasta. — Não gosto nada disso.

— Não se preocupe — Solo diz.

Não se preocupe. É, você não precisa se preocupar, gênio. Vá embora. Pare de falar comigo ou sobre mim. E tire sua mão de mim, estou enjoada.

O médico checa um dos soros.

— Hum! — ele murmura. — Você é médico?

Solo esboça um sorriso meio irônico.

— Só um curioso, doutor.

Solo pega meus pertences e minha mochila. De repente, eu me lembro de que tenho lição de biologia para fazer. Um trabalho

sobre a Primeira Lei de Mendel. *Quando dois organismos se reproduzem sexualmente, o filho deles herda, aleatoriamente, um dos dois alelos de cada pai.*

Genética. Gosto de genética, das regras, da ordem. Minha melhor amiga, Aislin, diz que é porque eu sou controladora. Tal mãe, tal filha.

Tenho muita lição de casa, sinto vontade de dizer, mas todo mundo está fazendo alguma coisa. De repente, penso que meu trabalho de biologia vai deixar de ser importante se eu morrer.

Acredito que a morte esteja na lista de desculpas aceitáveis para não fazer a lição de casa.

— Você vai ficar bem — Solo diz para mim. — Vai estar correndo dez quilômetros em pouco tempo.

Tento falar.

— Oh! — digo.

Pois é. Não consigo falar palavrão com o tubo em minha boca. E então, penso: como ele sabe que eu gosto de correr?